

Inventário de Potencial de Abuso na Infância: Dados preliminares das suas qualidades psicométricas numa amostra portuguesa

Maria Manuela Calheiros
Eunice Magalhães

Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), CIS-IUL, Lisboa

Resumo

A identificação de situações de potencial de abuso por parte dos cuidadores carece de medidas validadas no contexto português, tornando-se uma ferramenta necessária e útil no contexto dos serviços de promoção e protecção das crianças e jovens. Assim, pretendemos com este trabalho explorar características psicométricas do Inventário de Potencial de Abuso na Infância, numa amostra de participantes portugueses (N=658), com idades compreendidas entre os 17 e os 76 anos, com uma média de 38 anos (DP=8.61), e 75% do sexo feminino. Para tal analisámos a validade de constructo através da Análise de Componentes Principais para Variáveis Catoriais Nominais, assim como a fidelidade e sua validade convergente através do Adult Self-Perception Profile. Os resultados revelaram uma estrutura de 5 dimensões teoricamente plausível e dados de consistência interna adequados. A adaptação e validação preliminar deste inventário no contexto português revelou indicadores consistentes de validade e fidelidade que reflectem a sua adequabilidade no contexto de avaliação do risco de parentalidade abusiva.

Palavras-chave: Inventário, Potencial de abuso físico, Psicometria.

Abstract

The identification of potential abuse by caregivers lacks validated measures in the Portuguese context. A validated instrument is useful and necessary in the context of protection services of children and young people. Thus, we intend to explore the psychometric characteristics of the Child Abuse Potential Inventory, in a sample of Portuguese participants (N=658) aged between 17 and 76 years, with an average of 38 years (SD=8.61), and 75% female. To this, we examined the construct validity by Principal Component Analysis for Categorical Variables, as well as its reliability and convergent validity through the Adult Self-Perception Profile. The results revealed a structure of five dimensions theoretically plausible and an adequate internal consistency data. The adaptation and preliminary

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Maria Manuela Calheiros; Av.^a das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa; E-mail: maria.calheiros@iscte.pt

validation of this inventory in the Portuguese context showed consistent validity and fidelity that reflect its suitability in the context of risk assessment of abusive parenthood.

Key-words: Inventory, Potential of physical abuse, Psychometrics.

Introdução

A protecção das crianças e jovens face a situações potencialmente abusivas tem sido alvo de significativo esforço legislativo ao nível nacional e internacional ao longo das últimas décadas (Lachman, Poblete, Ebigbo, Nyandiya-Bundy, Bundy, Killian, & Doek, 2002; Reis & Castro, 2011). Os avanços ao nível legislativo têm decorrido a par do desenvolvimento de trabalhos de investigação ao nível da avaliação e prevenção destas práticas abusivas (e.g., Calheiros, 2006; Melo & Alarcão, 2011; Ribeiro & Castro, 2011; Zuzarte, 2012). Neste domínio, o Inventário de Potencial de Abuso Infantil (CAP) foi construído com o objectivo de se constituir como ferramenta útil no contexto dos sistemas judiciais de protecção das crianças e jovens, na medida em que, permite a identificação de situações de abuso físico na infância perpetrado pelos cuidadores (de Paúl, Milner, & Múgica, 1995; Milner, Robertson, & Rogers, 1990). O presente trabalho focar-se-á na apresentação de dados preliminares da versão portuguesa, discutindo aspectos sociais e culturais associados à sua adaptação e validação. A validação de um instrumento desta natureza deve ter em consideração os aspectos sociais e culturais na medida em que, a avaliação do risco de abuso físico na infância decorre de potenciais diferenças ao nível das práticas disciplinares adoptadas em diferentes contextos, bem como da própria conceptualização diferenciada do abuso (Calheiros, 2006; Diareme, Tsiantis, & Tsitoura, 1997).

Enquadramento conceptual do CAP

O Inventário de Potencial de Abuso Infantil (CAP) foi originalmente construído no sentido de permitir a identificação de situações de abuso físico perpetrado a crianças ou jovens (Milner, Robertson, & Rogers, 1990). Este instrumento reflecte uma abordagem conceptual do abuso na infância desenvolvida e testada a partir do Modelo de Processamento da Informação Social (Milner, Robertson, & Rogers, 1990). Este modelo sugere que os comportamentos e práticas abusivas decorrem em quatro estádios: (1) Percepção do comportamento social; (2) Interpretação e avaliação do comportamento; (3) Integração e selecção da resposta; (4) Implementação e monitorização da resposta. De salientar que estes mecanismos de processamento da informação social parecem mediados pelos esquemas cognitivos pré-existentes e pela actividade cognitiva do sujeito (Montes, de Paúl, & Milner, 2001). Deste modo, o que parece acontecer com pais em risco de abuso físico ou maltratantes é que estes tendem a perceber os comportamentos negativos dos filhos como decorrentes de factores internos e estáveis da própria criança e como tendo uma intenção hostil (Montes et al., 2001). Além disso, Milner e colaboradores (1990) salientam a importância da reciprocidade das interacções sociais enquanto explicativa de um determinado acto abusivo. Assim, a interacção entre os membros de uma determinada família tenderá a preceder o comportamento abusivo, sendo que as consequências deste comportamento parecem alimentar o próprio ciclo abusivo (Milner et al., 1990). Por oposição, o suporte social percebido pelos pais maltratantes ou em risco de mau trato tem sido reconhecido como factor protector na redução do potencial de mau trato a crianças (Crouch, Milner, & Thomsen, 2001). Com efeito, os estudos revelam que o suporte social actual desempenha um papel mediador na relação entre suporte prévio e o risco de abuso físico perpetrado na idade adulta, sendo que quanto maior o suporte actual percebido pelos sujeitos menor o risco de abuso físico (Crouch et al., 2001).

Descrição do Inventário de Potencial de Abuso Infantil

O Inventário CAP pode ser utilizado pelos profissionais dos Serviços de Protecção de Crianças na avaliação de suspeitas de mau trato físico e na detecção de pais/mães (ou adultos que cumpram as responsabilidades parentais como, por exemplo tutores) que se encontrem em situações de risco de cometer esse tipo de actos (De Paul, Milner, & Mugica, 1995). Não obstante as potencialidades do inventário na identificação de pais potencialmente maltratantes, importa referir que este deve ser utilizado conjuntamente com outras fontes de informação (por exemplo, entrevistas, observação directa ou dados de outros testes). Efectivamente, a pontuação obtida no Inventário CAP não é por si só indicativa de um diagnóstico de potencial de abuso, sendo naturalmente necessário obter dados adicionais e analisá-los conjuntamente. O inventário não tem por objectivo diagnosticar situações de potencial de abuso, mas antes o de permitir a identificação/sinalização destas situações (De Paul, Milner, & Mugica, 1995).

O Inventário CAP é constituído por 160 itens (respondido numa escala dicotómica “concordo” e “não concordo”), e pode ser utilizado pelos profissionais dos Serviços de Protecção de crianças e jovens em risco e perigo na identificação de potenciais situações de mau trato físico e na sinalização de pais/mães potencialmente em risco de adoptar práticas fisicamente abusivas. Quanto maior o valor na escala maior o potencial de pais/mães cometerem actos de mau trato físico. Na sua versão original, o inventário está organizado em nove escalas: a Escala de Abuso (de 77 itens, que por sua vez, se divide em 6 subescalas: (1) Mau estar psicológico; (2) Rigidez, (3) Infelicidade, (4) Problemas com a criança e consigo mesmo; (5) Problemas com a família e (6) Problemas com outras pessoas), e três escalas de validade: Desejabilidade Social, Resposta Aleatória e Inconsistência. A combinação das pontuações destas três escalas proporciona três Índices de distorção de resposta ou Índices de Validade: Imagem Positiva, Imagem Negativa e Resposta Aleatória (Milner, Charlesworth, Gold, Gold, & Friesen, 1988).

No que concerne à conceptualização das subescalas da Escala de Abuso, a subescala “Mau Estar Psicológico” reflecte a percepção do sujeito acerca do seu ajustamento psicológico, incluindo dimensões como a tristeza, ansiedade, frustração, confusão, agressividade e auto-estima (e.g., “Sou uma pessoa confusa”; “Frequentemente no meu intimo sinto-me aborrecido”). A subescala “Rigidez” traduz um padrão parental caracterizado por expectativas rígidas face às crianças, nomeadamente, ao nível comportamental e emocional (e.g., “Os meninos pequenos nunca deviam aprender brincadeiras de meninas”; “Deve ver-se as crianças e não ouvi-las”). A subescala “Infelicidade” refere-se ao padrão de pensamentos por parte do sujeito centrado numa percepção de insatisfação com a própria vida (e.g., “Sou uma pessoa sem sorte”; “Sou uma pessoa feliz”). Finalmente, as subescalas que reportam “Problemas” (familiares, com os outros ou com o próprio filho) traduzem uma percepção por parte do sujeito de dificuldades interpessoais e de insatisfação nestas relações. De facto, tal reflecte-se na percepção do sujeito de que tem um(a) filho(a) problemático(a) e com capacidades limitadas (e.g., “Tenho um(a) filho(a) que é mau/má”; “Tenho um(a) filho(a) que se mete em sarilhos muitas vezes”), bem como em dificuldades interpessoais com a família de origem (e.g., “A minha família briga muito”; “A minha família tem problemas de relacionamento”) e com outros indivíduos (e.g., “Actualmente não se sabe com quem se pode contar”; “As pessoas fizeram-me muito mal”). A pontuação total de cada escala é obtida através da soma das pontuações correspondentes aos itens que a compõem.

No que diz respeito aos “Índices de Validade”, estes permitem identificar possíveis distorções significativas das respostas dos participantes, que se traduzem em três índices: (1) Índice de Imagem Positiva, que representa as tentativas do sujeito em apresentar-se de forma marcadamente positiva (Escala de Desejabilidade Social e a Escala de Resposta Aleatória); (2) Índice de Imagem Negativa, que revela as tentativas do sujeito em apresentar-se de forma marcadamente negativa (Escala de Resposta Aleatória e a Escala de Inconsistência); e (3) Índice de Resposta Aleatória, que reflecte que

as respostas do sujeito foram dadas aleatoriamente, sem ter em consideração o conteúdo dos itens (Escala de Resposta Aleatória e a Escala de Inconsistência) (Milner, Charlesworth, Gold, Gold, & Friesen, 1988).

Em suma, o Inventário CAP, através das diferentes subescalas centradas no potencial de abuso e nas de validade, proporciona uma medida independente e objectiva da situação de risco de um determinado sujeito, devendo ser utilizado em conjunto com outros instrumentos de medida no sentido de obter uma avaliação diagnóstica rigorosa.

Construção, adaptação e validação do CAP

Os estudos realizados com a versão original no que respeita às suas qualidades psicométricas revelam que o inventário apresenta uma boa capacidade preditiva e discriminante entre perpetradores de mau trato físico e não maltratantes (Milner, Charlesworth, Gold, Gold, & Friesen, 1988). De facto, os grupos de pais identificados como de risco tendem a pontuar significativamente mais elevado no CAP quando comparados com o grupo normativo (Milner & Ayoub, 1980). Ao nível da consistência interna das subescalas do CAP, os valores obtidos (KR-20) variam entre .91 a .96 num conjunto de diferentes grupos analisados (e.g., controlo, em risco, negligentes, maltratantes). Os resultados de fidelidade teste-reteste foram de .91, .90, .83, e .75 para o grupo controlo, considerando os seguintes intervalos de tempo: 1-dia, 1-semana, 1-mês, e 3-meses, respectivamente (Milner et al., 1988). No que se refere à validade convergente, várias medidas de funcionamento psicológico têm sido correlacionadas com as pontuações obtidas no CAP, nomeadamente, o locus de controlo externo, a reduzida auto-estima, ou ainda o recurso a estratégias de *coping* ineficazes (Milner et al., 1988). Vários estudos confirmam a validade preditiva da versão original do Inventário CAP, indicando as esperadas relações entre as elevadas pontuações obtidas na escala de abuso e factores de risco, tais como: estilos parentais, percepções/interpretações dos comportamentos das crianças, raiva, frustração e agressão (e.g., Milner & Gold, 1986).

No que diz respeito à adaptação e validação do instrumento original em diferentes contextos sociais e culturais, genericamente, os resultados têm revelado a adequação do inventário na avaliação do potencial de abuso a crianças (e.g., Bringiotti, Barbich, & De Paúl, 1998; De Paúl, Arruabarrena, & Milner, 1993; Milner & Crouch, 2012). Especificamente ao nível da língua portuguesa, um estudo desenvolvido no contexto brasileiro (com pais notificados no sistema de protecção e pais não notificados) testou a consistência interna da Escala de Abuso original bem como das suas dimensões, e a sua capacidade discriminativa dos grupos (Bérgamo, Pasian, Ávila de Mello, & Bazon, 2009). Os resultados revelaram uma boa capacidade discriminativa dos itens com recurso aos coeficientes de qui-quadrado, tendo sido ainda obtidos bons valores de consistência interna para a Escala Global, e para as dimensões de Mau Estar Psicológico e Rigidez. Não obstante, os valores de *Alfa de Cronbach* obtidos para as restantes dimensões afiguraram-se muito reduzidos (Bérgamo, Pasian, Ávila de Mello, & Bazon, 2009).

Contudo, apesar dos resultados serem genericamente positivos ao nível das adaptações e validações internacionais (Milner & Crouch, 2012), têm sido identificadas diferenças culturais ao nível dos factores obtidos, nomeadamente, no contexto Espanhol, Grego, e Chileno, cujas disparidades são reconhecidas como decorrentes de diferenças ao nível da conceptualização do abuso nestes contextos (e.g., Diareme, Tsiantis, & Tsitoura, 1997; De Paúl, Arruabarrena, & Milner, 1993; Haz & Ramirez, 2002). Assim, se no contexto Chileno (Haz & Ramirez, 2002) foi obtida uma estrutura de 83 itens organizados em 7 dimensões [(1) Infelicidade por locus de controlo externo e problemas com os outros, (2) Expectativas rígidas, (3) História de mau trato e relações negativas com os pais, (4) Relações negativas com o(a) companheiro(a) e com os familiares, (5) Irritabilidade e Impulsividade, (6)

Disforia, e (7) Problemas com a criança], no contexto Grego foi obtida uma estrutura de 77 itens (Diareme, Tsiantis, & Tsitoura, 1997) organizada em 5 dimensões [(1) Mau Estar Psicológico, (2) Problemas com os outros, com a família e com a criança, (3) Rigidez, (4) Infelicidade, (5) Problemas com a família de origem e Dependência dos Outros], assim como no contexto Espanhol com 73 itens [(1) Mau estar psicológico; (2) Rigidez, (3) Infelicidade e Problemas de relação social, (4) Problemas com o(a) próprio(a) filho(a) e (5) Problemas com a família] (e.g., De Paul, Milner, & Mugica, 1995). Deste modo, verifica-se que apesar de a avaliação do potencial de abuso se afigurar válida nos diferentes contextos, há uma clara necessidade de operacionalizar a avaliação do abuso físico em função do contexto cultural específico. Além disso, a dimensão sociocultural parece ser ainda mais evidente quando se utiliza o instrumento para discriminar pais maltratantes e não maltratantes em contextos diferenciados, uma vez que, esta diferenciação apenas parece tornar-se clara nos casos mais graves de abuso (Haz & Ramirez, 2002).

Objetivos do presente estudo

À semelhança dos vários estudos que têm reportado a adaptação e validação do CAP internacionalmente (e.g., Chan, Lam, Chum, & So, 2006; De Paúl, Arruabarrena, & Milner, 1993) também no contexto português, a identificação de situações de potencial abuso por parte dos cuidadores torna-se uma ferramenta útil no contexto dos serviços de promoção e protecção das crianças e jovens. Esta identificação beneficia assim da existência de instrumentos de avaliação devidamente adaptados e validados, constituindo-se o presente trabalho como uma apresentação de dados exploratórios do instrumento no contexto português. Além disso, a partir dos dados já reportados ao nível das qualidades psicométricas do CAP na língua portuguesa em contexto brasileiro, consideramos que o presente trabalho poderá contribuir para a discussão acerca das potencialidades deste instrumento na sua versão em contexto português. Com efeito, tendo em consideração que os dados de consistência interna obtidos na população brasileira se revelaram pouco satisfatórios em algumas dimensões da escala de abuso, e dado que o estudo de Bérnago e colaboradores (2009) reporta resultados da estrutura original, e não testa de que forma os itens se organizam nas diferentes dimensões no contexto brasileiro, consideramos que os resultados que serão apresentados e discutidos no presente trabalho poderão acrescentar valor empírico neste domínio de investigação. Deste modo, pretendemos com este trabalho explorar características psicométricas da Escala de Abuso deste inventário numa amostra de participantes portugueses. Para tal analisámos a validade de constructo através da Análise de Componentes Principais para Variáveis Catoriais Nominais (*Multiple Correspondence Analysis*) e a fidelidade com recurso ao *Alpha de Cronbach*. Além disso, tal como realizado previamente noutros estudos (De Paúl, Arruabarrena, & Milner, 1993; Milner & Gold, 1986; Robertson & Milner, 1985), foi ainda analisada a validade convergente através de uma análise correlacional com as dimensões da Auto-Percepção do Adulto.

Método

Participantes

O presente estudo incluiu 658 participantes, com idades compreendidas entre os 17 e os 76 anos, com uma média de 38 anos ($DP=8.61$), sendo 75% do sexo feminino. Ao nível das habilitações literárias, o

nível do ensino superior apresentou a maior frequência na amostra (30%), seguido do 3º (18%) e 1º ciclo (15%). As profissões técnicas e científicas surgem em maior percentagem (24%), seguidas dos serviços (19%) e dos trabalhadores não qualificados (14%). Do ponto de vista da origem demográfica dos participantes, 16 distritos de Portugal Continental e o Arquipélago dos Açores (8%) surgem representados, com maior prevalência de participantes provenientes do distrito de Lisboa (42%), e de Santarém (25%). A amostra é constituída por um grupo de pais sinalizados ($N=263$) e por um grupo de pais não sinalizados nos serviços de promoção e protecção ($N=395$).

Instrumentos

Inventário de Potencial de Abuso Infantil. No presente estudo foi utilizada uma versão do instrumento traduzida para português. Apesar de no presente estudo nos centrarmos apenas na análise das características psicométricas da Escala de Abuso, o inventário foi administrado na sua totalidade (160 itens) tal como previsto nos procedimentos pelos autores da versão original. A utilização correcta do Inventário requer que este seja aplicado no formato que inclui os 160 itens, sendo que qualquer versão reduzida do Inventário não pode ser considerada válida (Milner et al., 1988).

Questionário de Avaliação do Mau Trato, Negligência e Abuso Sexual (Calheiros, 2006). Este instrumento destina-se a técnicos e tem como objectivo a avaliação de diferentes tipos de mau trato e negligência em crianças dos 0 aos 16 anos. Avalia 21 itens, numa escala de 1 a 5 pontos de gravidade dos actos perpetrados, e organizados em 5 dimensões: mau trato (interacção física agressiva, métodos de violência física, interacção verbal agressiva, métodos de disciplina coercivos/punitivos, padrões de avaliação), negligência física (vestuário, higiene e bem estar físico, condições de habitabilidade e higiene, alimentação, acompanhamento na saúde física), negligência educacional (necessidades de desenvolvimento, acompanhamento a saúde mental, acompanhamento escolar), falta de supervisão (acompanhamento alternativo suplementar, segurança no meio, supervisão, desenvolvimento socio-moral, relação com as figuras de vinculação) e abuso sexual. Esta medida apresenta boa consistência interna, apresentando os seguintes alfas de Cronbach: negligência física (.86), mau trato (.86); falta de supervisão (.73); negligência educacional (.76).

Adult Self-Perception Profile (Messer & Harter, 1986). Foi utilizada uma tradução e adaptação por Calheiros, Moleiro, Garrido, Martins, & Martins, 2005) da versão original do Adult Self-Perception Profile, que avalia o auto-conceito. Este instrumento é composto por um total de 50 itens, sendo cada item composto por duas afirmações que descrevem dois tipos diferentes de pessoas. Depois de lerem cada frase, os participantes escolhem, em primeiro lugar, qual das duas afirmações descreve as pessoas que são mais parecidas consigo. Posteriormente assinalam se a mesma é mais ou menos verdade para si ou é realmente verdade para si [Exemplo: (a) Há pessoas que gostam da forma como estão a conduzir a sua vida. MAS (b) Outras não gostam da forma como estão a conduzir a sua vida]. Metade dos itens começa com uma afirmação positiva, enquanto a outra metade se inicia com afirmações negativas. Todos os itens são cotados de 1 a 4, sendo posteriormente invertidas as cotações dos itens que iniciam com afirmações positivas para que a escala indique através da pontuação: 1 – uma baixa competência percebida, e 4 – uma elevada competência percebida. Assim, através deste questionário é obtido um perfil das competências percebidas pelo participante ao longo de onze domínios: sociabilidade, competência no trabalho, competência atlética, aparência física, orientação para cuidar (“nurturance”),

gestão da vida doméstica, relações íntimas, inteligência, cuidar adequadamente (“adequate provider”), moralidade e sentido de humor.

Tal como Messer e Harter (1986), também se incluiu uma escala que avalia a importância atribuída pelos participantes aos diferentes domínios de competência avaliados. É formulada através de 6 questões, uma para cada área de auto-conceito, onde o sujeito assinala a sua resposta numa escala de 4 pontos, de 1 – muitíssimo importante a 4 – nada importante (inversão posterior da escala). No estudo original de Harter obtiveram-se bons índices de consistência interna (Alfas de Cronbach entre .63 e .92).

Procedimento

Tradução e adaptação do CAP. O processo de tradução do inventário foi realizado com base em orientações internacionais neste tipo de processos (e.g., Van de Vijer & Hambleton, 1996). Assim, (1) a tradução foi realizada por 4 académicos cuja língua materna é o português, sendo fluentes ao nível do inglês; (2) foi realizada uma retro-tradução por uma pessoa cuja língua materna é o inglês, sendo fluente ao nível do português e finalmente (3) foi desenvolvido um teste piloto com um grupo de 20 sujeitos no sentido de clarificar e melhorar a compreensão dos itens.

Recolha de dados

Os questionários foram aplicados em diferentes contextos, sendo que os dados do grupo de participantes sinalizados foram recolhidos em comissões de protecção de crianças e jovens (CPCJ), e os dados do grupo de participantes não sinalizados foram recolhidos em escolas públicas e instituições comunitárias. O preenchimento do CAP demorou aproximadamente 30/45 minutos, e o da Escala de Auto-Percepção foi de aproximadamente 20 minutos. O *Questionário de Avaliação do Mau Trato e Negligência* foi preenchido pelos técnicos de avaliação das famílias sinalizadas no sistema de protecção das crianças e jovens.

Análise de dados

Com o objectivo de identificar os itens que constituiriam a Escala de Abuso da versão portuguesa do CAP foram desenvolvidos procedimentos de análise de dados semelhantes aos desenvolvidos previamente noutras populações estudadas (Bérgamo, Pasian, Ávila de Mello, & Bazon, 2009; De Paul, Arruabarrena, & Milner, 1993).

Inicialmente, começámos por analisar descritivamente os itens e compreender de que forma estes diferenciavam os pais maltratantes daqueles não maltratantes, dado que o objectivo do presente estudo passa por analisar as características psicométricas de um instrumento que pretende identificar pais/mães potencialmente em risco de adoptar práticas abusivas. Inicialmente tinha sido considerada a variável “Sinalização” nos serviços de promoção e protecção (Sinalizados: $N=263$; Não sinalizados: $N=395$) para a diferenciação dos pais em dois grupos. Não obstante, dado que a sinalização dos pais nos serviços de protecção pode ser consequência de diversas situações de perigo/risco, esta variável poderia não ser a mais adequada para a análise discriminante dos itens. Por esse motivo, recorreremos aos resultados no *Questionário de Avaliação do Mau Trato, Negligência e Abuso Sexual* (Calheiros, 2006) para definir o grupo de “Pais Maltratantes”, sendo que apenas os participantes que pontuavam

na dimensão “Mau Trato” deste questionário foram incluídos neste grupo ($N=246$), contrastando assim com todos os restantes participantes considerados “Não Maltratantes”. A análise da capacidade discriminante dos itens foi realizada com recurso ao coeficiente de qui-quadrado dado tratar-se de duas variáveis nominais (Mau Trato vs. Não Mau Trato e Concordo vs. Não Concordo).

Ao nível da análise de constructo, recorreremos ao procedimento de “*optimal scaling*” (e especificamente, à Análise de Correspondências Múltiplas) como recurso alternativo à Análise de Componentes Principais ou Análise Factorial, dado que estamos a analisar variáveis cuja escala é nominal e não intervalar. A ACM permitirá assim reduzir a dimensionalidade do constructo aqui avaliado através de um conjunto alargado de questões de resposta dicotómica. No que se refere à análise de consistência interna, pese embora o KR-20 se afigurasse mais adequado para estimar a consistência interna de um instrumento de medida cuja escala de resposta é nominal, considerámos no entanto mais pertinente reportar os valores de *Alpha de Cronbach* no sentido de permitir a comparação com dados de estudos anteriores.

Resultados

Análise descritiva

Foi realizada uma análise descritiva das frequências de resposta dos sujeitos a todos os itens, no sentido de compreender de que forma estas se distribuíam pelas duas opções de resposta. Os resultados revelaram que 11 itens apresentaram valores de frequência numa das opções de resposta abaixo dos 10% (1, 10, 40, 53, 59, 61, 79, 85, 114, 131 e 134), e destes, 4 itens abaixo dos 5% (40, 61, 79 e 131). Esta análise de frequências forneceu-nos uma noção clara do tipo de dados que iriam ser tratados posteriormente.

Análise dos itens

No sentido de identificar os itens que poderiam compor a Escala de Abuso (a partir dos 160 totais) foi realizada uma análise sistemática dos itens, tal como realizado em processos de validação prévios noutras populações, como o contexto espanhol (De Paul, Arruabarrena, & Milner, 1993) ou o brasileiro (Bérgamo, Pasian, Ávila de Mello, & Bazon, 2009) Assim, foram inicialmente analisados os 160 itens do CAP ao nível da sua capacidade discriminante entre um grupo de pais maltratantes e um grupo de não maltratantes, através da estatística de qui-quadrado, considerando-se os itens como discriminantes aqueles que apresentavam um valor de *p-value* $<.05$. Dos 160, apenas 23 itens não apresentaram uma capacidade de discriminação adequada, na medida em que revelaram valores de *p-value* estatisticamente não significativos: 2, 8, 12, 13, 14, 31, 44, 53, 55, 60, 65, 75, 91, 92, 107, 110, 119, 126, 131, 134, 135, 139 e 155 (cf. Quadro 1).

Dos 137 itens que restaram, 33 fazem parte das escalas de desejabilidade social e de resposta aleatória quer da versão original quer da versão espanhola: 34, 35, 46, 57, 62, 66, 70, 106, 146, 149, 150, 157, 159, 160, 1, 11, 16, 27, 33, 43, 58, 59, 61, 72, 89, 114, 116, 4, 15, 21, 79, 117 e 124. Resultaram assim desta análise dos 160 itens, um total de 104 itens para a realização da Análise de Componentes Principais para variáveis categoriais nominais (*Multiple Correspondence Analysis*).

Quadro 1
 Comparação entre pais maltratantes e não maltratantes em cada item do CAP através dos coeficientes de Qui quadrado

Item	χ^2	Item	χ^2	Item	χ^2	Item	χ^2	Item	χ^2	Item	χ^2	Item	χ^2
1	21.59***	26	107.94***	51	36.52***	76	13.52***	101	8.57**	126	1.18	151	72.60***
2	0.011	27	22.15***	52	27.83***	77	46.90***	102	5.57*	127	100.27***	152	42.50***
3	4.79*	28	15.34**	53	0.41	78	59.85***	103	140.75***	128	32.25***	153	11.49**
4	14.47***	29	52.17***	54	60.36***	79	17.09***	104	40.50***	129	8.45**	154	53.78***
5	82.22***	30	24.16***	55	0.23	80	63.17***	105	28.20***	130	48.83***	155	2.35
6	33.62***	31	0.10	56	9.91**	81	3.94*	106	9.53**	131	3.56	156	50.69***
7	14.97***	32	13.79***	57	9.25**	82	119.39***	107	2.81	132	33.38***	157	9.81**
8	0.27	33	9.34**	58	21.02***	83	62.01***	108	26.69***	133	33.40***	158	20.87***
9	69.74***	34	46.77***	59	27.50***	84	25.22***	109	63.95***	134	0.16	159	60.91***
10	9.30**	35	53.84***	60	2.89	85	34.49***	110	0.28	135	1.76	160	6.90**
11	24.31***	36	52.09***	61	4.88*	86	55.04***	111	66.07***	136	24.60***		
12	0.65	37	7.66**	62	33.93***	87	18.52***	112	23.97***	137	37.37***		
13	1.82	38	118.89***	63	14.05***	88	90.66***	113	65.96***	138	53.57***		
14	0.78	39	22.50***	64	51.91***	89	85.49***	114	40.46***	139	0.00		
15	28.44***	40	19.19***	65	0.00	90	47.68***	115	51.45***	140	38.25***		
16	7.50**	41	170.61***	66	19.30***	91	0.63	116	34.76***	141	58.03***		
17	39.74***	42	41.97***	67	78.12***	92	0.11	117	72.35***	142	30.02***		
18	44.77***	43	24.21***	68	93.38***	93	10.96**	118	50.98***	143	74.10***		
19	59.56***	44	1.96	69	53.57***	94	55.67***	119	0.16	144	6.16*		
20	11.10**	45	47.12***	70	18.92***	95	32.84***	120	70.59***	145	51.88***		
21	36.94***	46	82.34***	71	21.40***	96	57.42***	121	79.91***	146	11.97**		
22	73.64***	47	39.01***	72	29.27***	97	10.35**	122	81.97***	147	32.81***		
23	44.48***	48	84.60***	73	17.87***	98	72.44***	123	19.00***	148	138.53***		
24	99.46***	49	47.28***	74	27.02***	99	53.61***	124	50.22***	149	29.93***		
25	69.89***	50	29.66***	75	3.09	100	84.99***	125	12.69***	150	25.21***		

Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$. Os valores de qui quadrado sem asterisco representam os itens cujo p -value é não significativo.

Análise de Correspondências Múltiplas (ACM)

Foi realizada uma ACM com os 104 itens resultantes da análise prévia, tendo-se verificado que 15 itens não discriminavam nenhuma dimensão – isto é, não apresentavam um valor de discriminação nas diferentes dimensões superior ao valor da respectiva inércia – (3,6,7,10, 37, 42, 73, 76, 77, 81, 84, 93, 97, 142, 156) e 5 itens não se afiguravam plausíveis teoricamente no contexto português considerando as dimensões que mais discriminavam (20, 32, 36, 125, 153). Procedemos então a uma nova ACM com os 84 itens que restaram, testando uma estrutura com 6 dimensões e outra com 5. A estrutura forçada a 6 dimensões não se afigurou adequada do ponto de vista teórico, sendo que a de 5 dimensões resultou numa organização dos itens teoricamente plausível: Mau estar psicológico (24 itens), Rigidez (19 itens), Problemas com a criança e consigo mesmo (14 itens), Problemas com a Família (12 itens) e Infelicidade e problemas com outras pessoas (15 itens) (Quadro 2).

Quadro 2

Análise de Correspondências Múltiplas: Discriminação e contribuição dos 84 itens

	Dimensão									
	Mau Estar Psicológico		Rigidez		Problemas com a criança e consigo mesmo		Problemas com a família		Infelicidade e Problemas com outras pessoas	
	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B
5. Sou uma pessoa confusa.	,303	1,638	,004	,094	,001	,026	,015	,641	,002	,102
9. Frequentemente estou confuso(a).	,308	1,665	,005	,102	,003	,093	,040	1,701	,001	,068
17. Frequentemente no meu íntimo sinto-me aborrecido(a).	,365	1,970	,055	1,224	,012	,368	,029	1,235	,001	,042
18. Por vezes sinto-me completamente só no mundo.	,403	2,178	,073	1,640	,004	,112	,013	,549	,017	,762
22. Frequentemente sinto-me rejeitado.	,383	2,066	,015	,333	,004	,140	,008	,359	,072	3,281
23. Frequentemente sinto-me só interiormente.	,367	1,981	,085	1,909	,027	,856	,026	1,118	,035	1,608
25. Frequentemente sinto-me muito frustrado(a).	,426	2,302	,043	,954	,000	,003	,043	1,859	,009	,403
41. De forma geral, as coisas não me têm corrido bem na vida.	,473	2,552	,001	,020	,007	,224	,016	,671	,006	,287
47. Às vezes sinto que não valho nada.	,303	1,638	,040	,900	,000	,001	,002	,071	,004	,165
49. Às vezes estou muito triste.	,326	1,763	,039	,863	,026	,826	,010	,438	,027	1,251
78. As outras pessoas não compreendem como me sinto.	,402	2,170	,004	,082	,025	,780	,007	,297	,013	,587
95. Frequentemente acho que a vida não vale nada.	,366	1,975	,030	,660	,001	,030	,035	1,518	,001	,053
98. As pessoas não me compreendem.	,408	2,203	,007	,166	,012	,374	,001	,059	,000	,000
99. Frequentemente sinto que não valho nada.	,409	2,210	,035	,782	,000	,012	,022	,937	,004	,197
100. Há pessoas que fizeram com que a minha vida fosse infeliz.	,327	1,764	,014	,310	,048	1,509	,046	1,989	,003	,119
103. Tenho muitos problemas pessoais.	,461	2,487	,008	,168	,002	,067	,007	,321	,012	,532
109. Descontrolo-me facilmente devido aos meus problemas.	,419	2,265	,008	,180	,006	,178	,005	,207	,053	2,441
118. Estou deprimido(a) frequentemente.	,423	2,285	,044	,994	,003	,100	,010	,431	,001	,029
120. Frequentemente estou descontrolado(a).	,388	2,093	,001	,022	,038	1,214	,036	1,552	,034	1,546
136. Quando era criança estava frequentemente assustado(a).	,173	,935	,027	,608	,003	,082	,075	3,204	,001	,053

cont. →

Quadro 2 (cont.)

	Dimensão									
	Mau Estar Psicológico		Rigidez		Problemas com a criança e consigo mesmo		Problemas com a família		Infelicidade e Problemas com outras pessoas	
	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B
140. Às vezes tenho medo de que os meus filhos não gostem de mim.	,217	1,174	,009	,194	,010	,312	,008	,333	,039	1,809
143. Frequentemente sinto-me muito só.	,461	2,491	,066	1,478	,010	,325	,043	1,858	,021	,967
145. Frequentemente sinto-me só.	,448	2,420	,079	1,773	,006	,188	,043	1,844	,024	1,101
154. Frequentemente sinto-me assustado(a).	,306	1,651	,052	1,168	,002	,048	,006	,256	,000	,007
19. Todas as coisas numa casa deveriam estar arrumadas.	,119	,643	,091	2,027	,098	3,108	,035	1,522	,002	,080
26. As crianças nunca deveriam desobedecer.	,228	1,232	,246	5,503	,007	,218	,000	,010	,001	,044
50. As crianças são, na realidade, pequenos adultos.	,098	,532	,122	2,716	,013	,403	,017	,733	,019	,894
54. Uma criança nunca devia refilar.	,170	,916	,184	4,114	,011	,348	,023	,993	,003	,127
68. As crianças deviam manter-se limpas.	,164	,886	,081	1,816	,010	,327	,022	,939	,014	,626
71. Dou-me sempre bem com as outras pessoas.	,026	,142	,154	3,431	,023	,729	,017	,742	,007	,309
80. As crianças deviam calar-se e escutar.	,195	1,051	,177	3,956	,005	,166	,009	,373	,001	,048
82. A escola é a principal responsável pela educação das crianças.	,209	1,129	,092	2,049	,018	,564	,007	,305	,008	,353
96. Uma criança deveria ser treinada para usar o bacio no primeiro ano de idade.	,140	,756	,081	1,816	,024	,759	,001	,051	,000	,000
101. Sou sempre uma pessoa amável.	,005	,024	,095	2,127	,085	2,685	,004	,158	,059	2,713
108. Uma casa deveria estar perfeitamente limpa.	,059	,321	,130	2,910	,305	9,656	,042	1,785	,006	,272
122. Uma criança boa mantém os seus brinquedos e as suas roupas limpos e ordenados.	,222	1,196	,206	4,614	,000	,009	,000	,000	,020	,899
123. As crianças deveriam fazer sempre os seus pais felizes.	,061	,328	,278	6,215	,054	1,716	,015	,661	,005	,235
129. Um pai deve utilizar o castigo se quer controlar o comportamento do(a) seu/sua filho(a).	,041	,222	,057	1,266	,001	,034	,000	,004	,011	,520
130. As crianças nunca deveriam causar problemas.	,164	,884	,238	5,324	,000	,004	,024	1,041	,003	,131
132. Uma criança precisa de regras muito estritas.	,093	,504	,093	2,082	,000	,005	,010	,414	,015	,669
133. As crianças nunca deveriam ir contra as ordens dos seus pais.	,117	,633	,178	3,986	,072	2,270	,004	,153	,011	,516
137. As crianças deveriam estar sempre caladas e ser bem-educadas.	,177	,958	,177	3,965	,021	,676	,011	,486	,004	,181
144. As pessoas não deveriam mostrar raiva.	,031	,166	,064	1,433	,044	1,398	,001	,040	,003	,136
24. Os meninos pequenos nunca deviam aprender brincadeiras de meninas.	,242	1,304	,106	2,365	,053	1,681	,034	1,442	,021	,944
40. As crianças são uma “chatice”.	,069	,371	,034	,770	,061	1,926	,044	1,903	,004	,177
45. Tenho um(a) filho(a) que é mau/má.	,122	,657	,043	,952	,059	1,860	,004	,175	,002	,070
51. Tenho um(a) filho(a) que parte as coisas.	,089	,482	,001	,030	,047	1,504	,021	,881	,023	1,059
69. Tenho um(a) filho(a) que se mete em sarilhos muitas vezes.	,140	,757	,020	,458	,084	2,658	,038	1,616	,042	1,910
74. Actualmente não se sabe com quem realmente se pode contar.	,124	,671	,011	,239	,047	1,487	,020	,864	,019	,879
85. Quando era criança abusaram de mim.	,082	,441	,003	,069	,175	5,528	,058	2,478	,003	,144
86. Dar uns açoites é o melhor castigo.	,103	,558	,061	1,364	,151	4,788	,031	1,334	,002	,073
88. As pessoas que pedem ajuda são fracas.	,194	1,046	,028	,631	,208	6,598	,004	,152	,003	,141

cont. →

Quadro 2 (cont.)

	Dimensão									
	Mau Estar Psicológico		Rigidez		Problemas com a criança e consigo mesmo		Problemas com a família		Infelicidade e Problemas com outras pessoas	
	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B
104. Tenho um(a) filho(a) que frequentemente se magoa a si mesmo(a).	,132	,713	,007	,162	,127	4,033	,017	,725	,080	3,676
113. Tenho um(a) filho(a) que tem problemas especiais.	,132	,714	,019	,426	,059	1,884	,044	1,876	,044	2,021
115. Deve ver-se as crianças e não ouvi-las.	,142	,767	,061	1,360	,214	6,777	,038	1,635	,000	,010
121. As pessoas não se dão bem comigo.	,195	1,051	,013	,283	,206	6,519	,011	,485	,005	,227
127. As crianças deveriam estar sempre limpas.	,141	,763	,138	3,093	,087	2,767	,017	,720	,037	1,692
29. Por vezes desejo que o meu pai tivesse gostado mais de mim.	,211	1,140	,003	,062	,004	,120	,051	2,181	,000	,002
48. Os meus pais não se preocupam realmente comigo.	,229	1,239	,006	,136	,038	1,192	,171	7,316	,000	,006
64. Tenho um(a) filho(a) que adoece muitas vezes.	,114	,617	,009	,205	,033	1,060	,030	1,308	,021	,978
67. As pessoas fizeram-me muito mal.	,338	1,827	,004	,088	,001	,033	,077	3,290	,000	,009
83. A minha família zanga-se muito.	,271	1,463	,038	,857	,024	,750	,066	2,817	,000	,001
94. A minha família tem problemas de relacionamento.	,236	1,274	,048	1,077	,000	,012	,091	3,903	,000	,005
111. Os meus pais não me compreendiam.	,194	1,045	,022	,488	,000	,001	,139	5,981	,001	,055
128. Tenho um(a) filho(a) que é desajeitado(a).	,112	,604	,004	,100	,023	,731	,028	1,197	,030	1,380
138. Frequentemente estou descontrolado(a) e não sei porquê.	,363	1,961	,013	,282	,006	,177	,059	2,536	,006	,260
148. A minha família tem muitos problemas.	,393	2,122	,026	,589	,009	,287	,098	4,194	,009	,393
151. Há pessoas que tornaram a minha vida difícil.	,299	1,614	,030	,669	,004	,130	,051	2,188	,002	,096
158. Quando era criança os meus pais batiam-me.	,080	,431	,001	,014	,005	,154	,110	4,738	,002	,106
28. Por vezes tenho medo de perder o controlo de mim mesmo(a).	,173	,936	,005	,103	,014	,435	,049	2,103	,157	7,195
30. Tenho um(a) filho(a) que é lento.	,130	,701	,019	,435	,005	,172	,001	,051	,065	2,959
38. Sou uma pessoa sem sorte.	,444	2,400	,000	,001	,001	,024	,000	,012	,037	1,679
39. Habitualmente sou uma pessoa calada.	,083	,448	,000	,003	,001	,030	,008	,328	,105	4,823
52. Sinto-me preocupado(a) muitas vezes.	,159	,856	,001	,026	,082	2,599	,001	,046	,040	1,855
56. Com frequência irrito-me facilmente.	,175	,945	,031	,686	,016	,519	,077	3,286	,100	4,573
63. No meu íntimo sinto-me preocupado(a), com frequência.	,173	,932	,011	,245	,058	1,826	,014	,593	,042	1,944
87. Não gosto que os outros me toquem.	,097	,522	,010	,227	,002	,052	,011	,472	,041	1,859
90. Não me rio muito.	,166	,897	,003	,074	,015	,473	,000	,002	,130	5,950
102. Às vezes não sei porque ajo de determinada maneira.	,070	,379	,030	,666	,062	1,973	,001	,033	,062	2,833
105. Frequentemente sinto-me alterado(a).	,299	1,615	,019	,429	,005	,155	,020	,877	,081	3,707
112. Há muitas coisas na vida que me aborrecem.	,162	,877	,018	,403	,109	3,440	,002	,098	,041	1,864
141. Tenho uma vida sexual boa.	,189	1,021	,042	,934	,002	,077	,000	,013	,069	3,142
147. Actualmente estou muito apaixonado(a)	,092	,497	,034	,764	,017	,544	,001	,052	,088	4,017
152. Quase todos os dias me rio.	,174	,939	,012	,258	,003	,080	,006	,238	,199	9,125
Active Total	18,52	100,00	4,47	100,00	3,16	100,00	2,33	100,00	2,18	100,00
% de Variância	22,04	119,05	5,33	119,05	3,76	119,05	2,78	119,05	2,60	119,05

Nota¹. A – Discriminação; B – Contribuição; Os valores a negrito indicam a que dimensão pertence cada um dos itens.

Nota². Para decidir a que dimensão um determinado item pertence, o leitor deve olhar para o valor que surge na coluna “A” e que se refere à Discriminação do item. Este valor deve ser superior ao valor da Inércia da respectiva dimensão e que aparece aqui no Quadro 3. No caso dos itens apresentarem um valor de discriminação superior à inércia em diferentes componentes (ou seja, discriminam diferentes componentes, e por esse motivo poderiam pertencer a mais do que uma componente) o valor da coluna “B” permite identificar a dimensão para a qual aquele item mais contribui. Neste sentido, deve ser comparado o valor da contribuição do item nas diferentes componentes, e a opção deve ser pela componente cujo valor é mais elevado.

A decisão acerca da organização conceptual e dimensional dos itens em cada dimensão foi realizada com base nos valores da capacidade de discriminação e contribuição provenientes da ACM, tendo como referência a Inércia para cada dimensão, bem como a pertinência teórica de cada item numa determinada dimensão, e o seu contributo para a consistência interna de cada dimensão (Quadro 2). Assim, um item que discrimina várias dimensões com valor acima da respectiva inércia poderá ter sido seleccionado como pertencendo a uma determinada dimensão, não necessariamente pelo valor da sua contribuição, mas pela sua pertinência teórica. A estrutura obtida com 5 dimensões representa 36% de variância explicada (Quadro 3).

Quadro 3

Inércia e Percentagem de Variância das 5 dimensões

Dimensão	Variância		
	Total (<i>Eigenvalue</i>)	Inércia	% de Variância
Mau Estar Psicológico	18,450	,222	22,229
Rigidez	4,447	,054	5,358
Problemas com a criança e consigo mesmo	3,114	,038	3,752
Problemas com a família	2,303	,028	2,774
Infelicidade e problemas com outras pessoas	2,178	,026	2,624
Total	30,492	,367	

Nota. Os valores da inércia variam entre 0 e 1 e quanto maior o valor da inércia mais importante é a dimensão, pelo que a ordem decrescente das dimensões traduz a sua importância. Genericamente, é sugerido que se retenham para a análise apenas as dimensões cuja variância explicada se destaque claramente das restantes (neste caso a dimensão do Mau Estar Psicológico é aquela que mais se destaca), não obstante, a decisão neste trabalho foi de reter um número de dimensões (5) congruente com o modelo teórico que estava a ser analisado.

Fidelidade

A análise de consistência interna dos itens foi realizada com recurso ao *Alpha de Cronbach*, cujos valores obtidos oscilaram entre .76 (Problemas com a criança e consigo mesmo e Infelicidade e problemas com outras pessoas) e .95 (Escala de Abuso global) (Quadro 4).

Quadro 4

Consistência Interna das 5 dimensões e da Escala de Abuso Global

	Alpha de Cronbach
Escala de Abuso Global (84 itens)	.95
Mau Estar Psicológico (24 itens)	.94
Rigidez (19 itens)	.82
Problemas com a criança e consigo mesmo (14 itens)	.76
Problemas com a família (12 itens)	.81
Infelicidade e problemas com outras pessoas (15 itens)	.76

Relação entre Potencial de Abuso e Auto-Percepção Parental

No sentido de avaliar a validade convergente da Escala de Abuso foram realizadas análises de correlação entre a Escala de Abuso (e suas subdimensões) e as 12 dimensões da Escala de Auto-Percepção Parental (Quadro 5). Os resultados revelam correlações negativas entre todas as dimensões da Escala de Abuso e as 12 dimensões da Escala de Auto-Percepção Parental, sendo de salientar que apenas a dimensão “Gestão Doméstica” ($r=-.116$; $p=n.s$) não apresenta uma correlação estatisticamente significativa com a Escala de Abuso Global, e que a dimensão “Rigidez” é a que aparece correlacionada com menos dimensões da Escala de Auto-Percepção.

Quadro 5

Correlações entre as dimensões do CAP e as da Auto-Estima

	Sociabilidade	Competência profissional	Orientação para cuidar	Competência atlética	Aparência física	Cuidar adequadamente
Escala de abuso global	-.318***	-.375***	-.278***	-.234**	-.347***	-.462***
Mau-estar psicológico	-.341***	-.404***	-.217**	-.187**	-.336***	-.452***
Problemas com a família	-.131	-.265***	-.186**	-.046	-.181**	-.302***
Infelicidade e problemas com os outros	-.373***	-.315***	-.270***	-.249***	-.359***	-.387***
Problemas com a criança e consigo mesmo	-.170*	-.097	-.165*	-.134	-.024	-.177**
Rigidez	.007	-.072	-.133	-.161*	-.136*	-.171*

	Moralidade	Gestão doméstica	Relações íntimas	Inteligência	Sentido de humor	Auto-estima global
Escala de abuso global	-.214**	-.116	-.268***	-.282***	-.400***	-.550***
Mau-estar psicológico	-.185**	-.152*	-.247***	-.283***	-.359***	-.565***
Problemas com a família	-.129	-.065	-.101	-.124	-.211**	-.383***
Infelicidade e problemas com os outros	-.182**	-.206**	-.357***	-.188**	-.400***	-.478***
Problemas com a criança e consigo mesmo	-.195**	-.048	-.143*	-.100	-.220**	-.119
Rigidez	-.080	.115	-.023	-.173*	-.145*	-.163*

Nota. N=211; * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Discussão

O presente trabalho tinha como objectivo explorar as características psicométricas da Escala de Abuso do Inventário de Potencial de Abuso na infância. A Análise de Correspondências Múltiplas revelou que a estrutura de cinco dimensões se afigurou a mais adequada do ponto de vista conceptual, considerando o modelo teórico proposto por Milner, Robertson e Rogers (1990). A estrutura obtida no presente estudo inclui as seguintes dimensões: (1) Mau estar psicológico, (2) Rigidez, (3) Problemas com a criança e consigo mesmo, (4) Problemas com a Família e (5) Infelicidade e Problemas com outras pessoas. A análise dos resultados em termos de variância explicada, indica que o Mau Estar Psicológico é a dimensão com um valor mais elevado (22%), sendo as dimensões “Problemas Familiares” e “Infelicidade e Problemas com outras pessoas” aquelas que apresentam uma percentagem mais reduzida de variância de entre as 5 dimensões (2.8% e 2.6% respectivamente). Comparando a estrutura encontrada neste estudo com a da versão original, observamos que as dimensões “Infelicidade” e “Problemas com outras pessoas” surgem na nossa estrutura numa única dimensão. Por outro lado, 58 dos itens da versão portuguesa são os mesmos da versão original. Neste sentido, a conceptualização original subjacente às dimensões da escala de abuso revelou-se adequada no contexto da amostra deste estudo.

No que se refere à fidelidade da dimensão global e das subdimensões da Escala de Abuso, os resultados revelaram valores de consistência interna adequados, sendo que para a Escala de Abuso Global e a de Mau Estar Psicológico foram obtidos valores de consistência “Excelentes” ($>.90$), para a “Rigidez” e “Problemas com a família” foram obtidos valores considerados “Bons” ($>.80$) e finalmente para os “Problemas com a criança e consigo mesmo” e para a “Infelicidade e problemas com outras pessoas” foram encontrados valores “Aceitáveis” ($>.70$) (George & Mallery, 2003). Os

valores de consistência obtidos tendem a ser congruentes com aqueles encontrados nos estudos da versão original (i.e., valores de consistência que variam entre .92 e .98) (Milner & Crouch, 2012), bem como com os valores obtidos em estudos noutros contextos (e.g., a escala de abuso na adaptação espanhola e chilena obteve um valor de consistência interna de .95) (De Paúl, Arruabarrena, & Milner, 1993; Haz & Ramirez, 2002). Em síntese, e tal como Milner e Crouch (2012) verificaram na sua meta-análise, as traduções e adaptações do inventário CAP têm-se revelado congruentes com o seu modelo teórico, e apresentam genericamente bons dados de fidelidade e validade. Os dados apresentados no presente trabalho vão de encontro aos obtidos previamente, reforçando a capacidade de avaliar o potencial abusivo através do CAP em diferentes contextos sociais e culturais.

Quanto à análise de validade convergente, os resultados obtidos na relação com a auto-percepção dos progenitores são teoricamente plausíveis e congruentes com resultados prévios, na medida em que foram obtidos valores de correlação negativos e significativos entre as pontuações na escala de abuso e as obtidas na escala de auto-percepção (De Paúl, Arruabarrena, & Milner, 1993; Robertson, & Milner, 1985). Analisando especificamente as correlações obtidas, verificamos que a dimensão “Rigidez” é aquela que apresenta um menor número de correlações estatisticamente significativas com as dimensões da auto-percepção. De facto, esta dimensão reflecte um padrão parental rígido, mais centrado nas expectativas relativamente ao comportamento dos filhos e/ou das crianças, sendo por isso teoricamente expectável que não esteja tão correlacionado com dimensões da auto-percepção relacionais, de sociabilidade ou até de competência profissional, como dimensões de mau estar psicológicos ou de infelicidade. Estes resultados de validade convergente reforçam assim as qualidades psicométricas anteriormente apresentadas e discutidas. Com efeito, o presente trabalho de adaptação do CAP e de validação preliminar da Escala de Abuso no contexto português revela indicadores consistentes de validade e fidelidade que reflectem a sua potencial utilidade no contexto de avaliação do risco abusivo.

Não obstante os resultados aqui apresentados, importa notar algumas limitações do presente trabalho e que poderão merecer atenção em investigações futuras: por um lado, a ausência de medidas adicionais (para além da escala de auto-percepção) no sentido de reforçar os dados de validade convergente; e por outro lado, a ausência de análises discriminantes da escala de abuso, que permitirão no futuro compreender o potencial preditivo e classificativo da escala relativamente a sujeitos em risco de abuso físico.

Em suma, o instrumento aqui apresentado e discutido apresenta qualidades psicométricas que permitem a sua utilização na avaliação de situações de potencial abuso na infância no contexto português, devendo ser utilizado sempre na sua versão completa (160 itens) tal como sugerido pelos autores da versão original.

Referências

- Bergamo, L., Pasian, S., Ávila de Mello, I., & Bazon, M. (2009). O inventário de potencial de maus-tratos infantil: Estudo de precisão e validade. *Avaliação Psicológica*, 8(3), 425-435.
- Bringiotti, M., Barbich, A., & De Paúl, J. (1998). Validacion de una version preliminar del child abuse inventory para su uso en Argentina. *Child Abuse & Neglect*, 22(9), 881-888.
- Calheiros, M. (2006). *A construção social do mau trato e negligência: Do senso comum ao conhecimento científico*. Fundação Calouste Gulbenkian. Imprensa de Coimbra.

- Calheiros, M., Moleiro, C., Garrido, M., Martins, C., & Martins, E. (2005). *Program of support, rehabilitation and autonomy for neglecting families*. CIS. Manuscrito não publicado.
- Chan, Y. C., Lam, G. L. T., Chun, P. K. R., & So, M. T. E. (2006). Confirmatory factor analysis of the Child Abuse Potential Inventory: Results based on a sample of Chinese mothers in Hong Kong. *Child Abuse & Neglect, 30*(9), 1005-1016.
- Crouch, J. L., Milner, J. S., & Thomsen, C. (2001). Childhood physical abuse, early social support, and risk for maltreatment: Current social support as a mediator of risk for child physical abuse. *Child Abuse & Neglect, 25*(1), 93-107.
- De Paúl, J., Arruabarrena, M. I., & Milner, J. (1993). *Manual de utilizacion e interpretacion. Inventario de Potencial de Maltrato Infantil*. San Sebastian: Libreria Zorroaga.
- De Paúl, J., Milner, J. S., & Múgica, P. (1995). Childhood maltreatment, childhood social support, and child abuse potential in a Basque sample. *Child Abuse & Neglect, 19*(8), 907-920.
- Diareme, S., Tsiantis, J., & Tsitoura, S. (1997). Cross-cultural validation of the Child Abuse Potential Inventory in Greece: A preliminary study. *Child Abuse & Neglect, 21*(11), 1067-1079.
- George, D., & Mallery, P. (2003). *SPSS for Windows step by step: A simple guide and reference. 11.0 update* (4th ed.). Boston: Allyn & Bacon.
- Haz, A. & Ramirez, R. (2002). Adaptacion del Child Abuse Potential Inventory en Chile: Analisis de las dificultades y desafios de su aplicacion a partir de dos estudios Chilenos. *Child Abuse & Neglect, 26*, 481-495.
- Lachman, P., Poblete, J., Ebigbo, P., Nyandiyi-Bundy, S., Bundy, R., Killian, B. & Doek, J. (2002). Challenges facing child protection: I. Overview – Lessons from the “South”, II. The effect of poverty on child protection in Africa, III. The influence of HIV and AIDS on child protection, IV. Is child protection possible in areas of war and violence? V. The vulnerable child: From charity to entitlement. *Child Abuse & Neglect, 26*, 587-617.
- Melo, A. & Alarcão, M. (2011). Estudo preliminar das propriedades psicométricas de uma versão portuguesa da multidimensional neglectful behavior scale – Parente report. In M. M. Calheiros, M. V. Garrido, & S. V. Santos (Orgs.), *Crianças em risco e perigo. Contextos, investigação e intervenção* (vol. 1, pp. 81-98). Lisboa: Edições Sílabo.
- Messer, B., & Harter, S. (1986). *Manual for the Adult Self Perception Profile*. University of Denver. Unpublished publication.
- Milner, J., & Ayoub, C. (1980). Evaluation of “at risk” parent using the child abuse potential inventory. *Journal of Clinical Psychology, 36*(4), 945-948.
- Milner, J., & Crouch, J. (2012). Psychometric characteristics of translated versions of the child potential inventory. *Psychology of Violence, 2*(3), 239-259.
- Milner, J., & Gold, R. (1986). Screening spouse abusers for child abuse potential. *Journal of Clinical Psychology, 42*(1), 169-172.
- Milner, J. S., Robertson, K. R., & Rogers, D. L. (1990). Childhood history of abuse and adult child abuse potential 1. *Journal of Family Violence, 5*(1).
- Milner, J. S., Charlesworth, J. R., Gold, R. G., Gold, S. R., & Friesen, M. R. (1988). Convergent validity of the Child Abuse Potential Inventory. *Journal of clinical psychology, 44*(2), 281-285.
- Montes, M. P., de Paúl, J., & Milner, J. S. (2001). Evaluations, attributions, affect, and disciplinary choices in mothers at high and low risk for child physical abuse. *Child Abuse & Neglect, 25*(8), 1015-1036.

- Reis, V., & Castro, P. (2011). Aceitação e resistência face à inovação legislativa. Um estudo com técnicos das comissões de protecção de crianças e jovens e lares de infância e juventude. In M. M. Calheiros, M. V. Garrido, & S. V. Santos (Orgs.), *Crianças em risco e perigo. Contextos, investigação e intervenção* (vol. 1, pp. 33-58). Lisboa: Edições Sílabo.
- Ribeiro, T., & Castro, P. (2011). Práticas parentais de mães negligentes. In M. M. Calheiros, M. V. Garrido, & S. V. Santos (Orgs.), *Crianças em risco e perigo. Contextos, Investigação e Intervenção* (vol. 1, pp. 99-123). Lisboa: Edições Sílabo.
- Robertson, K., & Milner, J. (1985). Convergent and Discriminant Validity of the Child Abuse Potential Inventory (2).pdf. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 86-88.
- Van de Vijver, F., & Hambleton, R. (1996). Translating tests: Some practical guidelines. *European Psychologist*, 1, 89-99.
- Zuzarte, M. (2012). Programa de intervenção nas interacções pais-filhos “desenvolver a sorrir”. In M. M. Calheiros, M. V. Garrido, & S. V. Santos (Orgs.), *Crianças em risco e perigo. Contextos, Investigação e Intervenção* (vol. 2, pp. 189-248). Lisboa: Edições Sílabo.

Submissão: 20/05/2012

Aceitação: 09/07/2012